

## Lukács e a emigração na URSS (1933-45): realismo e sorte em tempos de catástrofes

Juarez Torres Duayer<sup>1</sup>

### Resumo:

Os escritos estéticos de Lukács durante a emigração na URSS constituem uma súmula de seu posicionamento contra o despotismo stalinista e a ortodoxia soviética. Apesar das “autocríticas protocolares”, os textos expressam a crítica interdita pelo dogmatismo e o sectarismo característicos do período e irão repercutir a preocupação do autor de que a *Estética* e *Para uma ontologia do ser social*, fossem consideradas como sua contribuição à urgência da construção de um projeto de renovação e renascimento do marxismo.

**Palavras-chave:** arte; Lukács; estética marxista; realismo; stalinismo.

## Lukács and the emigration in USSR (1933-1945): realism and luck in time of catastrophes

### Abstract:

The aesthetic writings of Lukács during emigration in the USSR constitute a summary of his position against Stalinist despotism and soviet orthodoxy. In spite of the "protocolic self-criticisms", the texts express the criticism prohibited by the dogmatism and sectarianism characteristic of the period and will have repercussions on the author's concern that his works of maturity, *Aesthetics* and *Ontology of social being*, were considered as contributions to the urgency of building a project for the revival of Marxism.

**Keywords:** Lukács; art; Marxist aesthetics; realism; Stalinism.

Portanto, todo realismo verdadeiro implica a ruptura com a fetichização e a mistificação.

György Lukács

É possível considerar os escritos estéticos de Lukács do período da emigração na URSS – de 1933, ano da ascensão de Hitler a 1945, data do final da II Guerra Mundial e de seu retorno à Hungria após um exílio de 26 anos -

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Titular do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: juarez\_duayer@uol.com.br.

como uma sùmula de seu posicionamento em uma disputa levada a cabo simultaneamente em duas frentes: de um lado contra o sectarismo literário” da RAPP<sup>2</sup>, de outro, contra o “vanguardismo” e o “modernismo burguês” das vanguardas estéticas dos anos 1930<sup>3</sup>, naquele que mais tarde ficou conhecido como o “debate sobre o expressionismo” (LUKÁCS, 1966, p. 8).

Pelas razões que serão expostas mais adiante, ainda que no plano político em diversas ocasiões durante o exílio soviético suas manifestações se expressassem através das nem sempre bem compreendidas “autocríticas protocolares”<sup>4</sup>, não há dúvida de que elas enformam a natureza e a dimensão da interdição imposta pela ortodoxia e o dogmatismo stalinista às artes e políticas culturais do período<sup>5</sup>. No entanto, se anos mais tarde quase ao final da vida Lukács dirá que seu posicionamento “já naquela época” era de “oposição universal à ideologia staliniana, não restrita à estética” (LUKÁCS, 1999, p. 166), foi através do “realismo verdadeiro”<sup>6</sup> – nos termos da epígrafe utilizada neste trabalho – que ele se posicionou contra a “manipulação grosseira”<sup>7</sup> da fetichização e mistificação do período:

Não existe precisamente – na arte, para a arte – uma tal possibilidade de manipulação absoluta; não o propósito, a intenção dos escritores (que podem ser regulados) é o dado determinante, mas a configuração, que permanece sujeita à “Vitória do realismo”. (...) [Por meio] da gênese da mimese, a “vitória do realismo” perde qualquer nuança irracionalista: nela irrompe justamente a verdade da história. (1999, p. 167)

Em que pese, todavia, toda a ordem de dificuldades durante a emigração na URSS, a produção intelectual de Lukács do período é notável. Nele o filósofo consolida boa parte de sua produção intelectual e as mudanças em sua relação com o marxismo. São os anos de colaboração com Michail Lifschitz no Instituto Marx-Engels em Moscou (1930-4) e de elaboração de sua concepção de realismo em meio ao “debate sobre o expressionismo”<sup>8</sup> com as

---

<sup>2</sup> A organização stalinista oficial dos escritores revolucionários da URSS.

<sup>3</sup> É assim que Lukács no Prefácio de 1965 se refere a estes textos reunidos em *Problemas del realismo* (1966); a maior deles foi escrita entre 1934 e 1940 e publicada na revista *Literaturnyj Kritik*.

<sup>4</sup> Para uma abordagem do problema das “autocríticas” e suas distinções, ver Tertulian (2002).

<sup>5</sup> Com relação às políticas culturais do período ver Netto (1979).

<sup>6</sup> Para Tertulian, o realismo em Lukács “sempre foi um caractere congênito de toda a arte e não uma simples questão de escolha entre estilos” (1980, p. 255).

<sup>7</sup> Em *Para uma ontologia do ser social*, após se referir às teorias da II Internacional como uma “mistura de materialismo mecanicista e voluntarismo subjetivo”, para Lukács, depois da morte de Lênin, “sob Stálin o marxismo voltou a ser deformado numa mescla inorgânica de necessidade mecanicista e voluntarismo (*manipulação grosseira*)” (LUKÁCS, 2013, p. 629; grifo meu).

<sup>8</sup> Embora crítico às posições de Lukács, uma boa aproximação ao debate está em Machado (1998); para uma defesa da atualidade do realismo para a estética marxista, ver Duayer (2015).

vanguardas estéticas dos anos 1930 e com o sectarismo das políticas culturais do *Proletkult*<sup>9</sup>. De acordo com Oldrini (1996), é o momento da “virada ontológica” responsável pela alteração radical da relação anterior de Lukács com o marxismo e da transformação da perspectiva filosófica de *História e consciência de classe*<sup>10</sup>. Enfim, e talvez o mais decisivo: das experiências do período da emigração toma corpo e nasce o empenho lukacsiano no projeto de renovação e renascimento do marxismo. Para Tertulian (1980, p. 287), após “a longa noite stalinista”, o filósofo acreditava que as categorias fundamentais do pensamento marxista deveriam ser submetidas a um reexame radical. Este foi o sentido da preocupação manifestada mais tarde por Lukács de que suas obras da maturidade, a *Estética* e *Para uma ontologia do ser social*, fossem consideradas como contribuições pioneiras à construção daquele projeto no qual trabalhará até o fim da vida.

Não surpreende portanto que após quase três décadas do retorno à Hungria, no roteiro do esboço autobiográfico que preparou no início de 1971 (Lukács faleceu em 4 de junho) para as entrevistas que concedeu entre março e maio do mesmo ano a István Eörsi e Erzsébet Vezér<sup>11</sup> (*Pensamento vivido*), o autor se refira à emigração soviética como um período de “sorte em tempo de catástrofes”<sup>12</sup>.

Na edição do esboço preparado por Lukács, os responsáveis pelas entrevistas de *Pensamento Vivido* se referem ao tempo da emigração como um período de “alargamento do campo de conflito” (1999, p. 166); Netto (1983, p. 50) se referiu a ele como “os tempos difíceis” e o húngaro Szabô (2016, p. 135), de os “anos perigosos na União Soviética onde ele [Lukács] viu de perto a prática despótica stalinista” e lembrou que “não por acaso”, Daniel Bell se referiu ao filósofo magiar como “o grande sobrevivente da época” (2016, p. 136). É bem provável que o sociólogo estadunidense, autor do *best-seller O fim da ideologia*, tenha se reportado em seu comentário a seguinte passagem dos depoimentos de Lukács: “Infelizmente devo dizer que, na minha opinião, além de mim não existe nenhum escritor húngaro que tenha escapado da era

<sup>9</sup> O *Proletkult*, movimento russo adepto de uma “cultura proletária”, defendia a ruptura entre a arte socialista e o passado (a tradição cultural) em defesa de uma literatura operária como a autêntica literatura revolucionária.

<sup>10</sup> Oldrini considera que esta “virada” se deve ao “contato de Lukács com os *Manuscritos de 1844* de Marx e os *Cadernos filosóficos* de Lênin e se “funda nas geniais críticas de Marx (e Lênin) a Hegel, através dos quais Lukács vê pela primeira vez as consequências que derivam dos contorcimentos idealistas hegelianos” (2002, p. 53).

<sup>11</sup> *Pensamento Vivido (Gelebtes Denken)* foi publicado em alemão pela primeira vez em 1980 (em português, cf. LUKÁCS, 1999).

<sup>12</sup> Lukács se referiu à “sorte” em três situações: quando recusou um encontro com Radek e Bukharin em 1930 – “se os tivesse encontrado teria sido liquidado”; ao seu afastamento do movimento húngaro após o “fiasco” das Teses de Blum e, a terceira, à pouca atração exercida pela casa em que morava pelo pessoal da NKVD, a polícia política do período.

Stálin (1999, p. 91)”. Nesta última, o filósofo recorda as adversidades durante os grandes processos 1936 e 1937 – “eu passei por uma das maiores campanhas de prisões do mundo” e sobre o período em que ficou preso por dois meses em 1941 sob a acusação de trotskista<sup>13</sup> - “em um momento em que todas as execuções haviam cessado” -, voltou a dizer que mais uma vez teve “muita sorte” e que não pôde “deixar de lembrar de Ivan Denísovitch, o herói de Soljenítsin, que também tinha sempre muita sorte” (1999, p. 99)<sup>14</sup>.

A respeito das relações entre seus escritos estéticos durante o período da emigração e a uma das duas frentes às quais nos referimos mais acima – a frente estética em defesa do “realismo verdadeiro” contra a “manipulação grosseira” -, é possível avaliar a importância destes textos para o projeto lukacsiano de renascimento do marxismo.

A necessidade deste projeto pode ser posta à prova pelo próprio autor em pelo menos três momentos.

O primeiro, já sem as “autocríticas protocolares”, por ocasião do *Post-scriptum* de 1957 ao seu *Meu caminho para Marx* de 1933 quando ao tratar da “questão da herança” contra as orientações literárias do *Proletkult* admitiu que:

Foi necessário reconhecer que a origem do confronto das correntes progressistas, que enriqueciam a cultura marxista, com a opressão dogmática de uma burocracia tirânica sobre todo o pensamento autônomo, deveria ser buscada no próprio Stálin e, portanto, também na sua pessoa. (LUKÁCS, 1983, p. 90)<sup>15</sup>

O segundo em 1971 nas entrevistas de o *Pensamento Vivido*. Ao se referir ao período da emigração, Lukács chamou a atenção, nos textos em defesa do realismo publicados na revista *Literatunyj Kritik*, em polêmica aberta contra o *Proletkult* e a *RAPP*, para “a emergência no primeiro plano com intensidade cada vez maior da ‘Vitória do realismo’ de Engels - contra a regulamentação da ideologia de ‘cima’” (1999, p. 167)<sup>16</sup>.

Por fim, o terceiro momento, diz respeito à autonomia da arte em relação ao estado – à regulamentação ideológica vinda “de cima” - e nos remete diretamente à participação de Lukács como *Comissário do Povo* na *Comuna Húngara* de 1919 (República dos Conselhos Húngaros).

---

<sup>13</sup> Na consistente apresentação a *Literatura y revolución*, Isidoro Cruz Bernal comenta que o “*Proletkult* foi o principal adversário de Trotsky” (2004, p. 11).

<sup>14</sup> Referência a Um dia na vida de Ivan Denísovitch.

<sup>15</sup> O texto publicado em 1933 na revista moscovita *Internationale Literatur*, nº 2. corresponde ao depoimento de Lukács na série “Escritores sobre Karl Marx” por ocasião de um congresso internacional de escritores em Moscou.

<sup>16</sup> Em carta à romancista Margaret Harkness de abril de 1888, Engels, cita o exemplo de Balzac que embora “politicamente legitimista” se viu “compelido a agir contra as suas próprias simpatias de classe e preconceitos políticos” - como um “dos maiores triunfos do realismo” (1979, p. 70).

Não é difícil acompanhar nos escritos estéticos e posicionamentos políticos dos anos da emigração na URSS a repercussão e o modo como Lukács assimilou as experiências da *Comuna Húngara*.

Em mais uma notação de o *Pensamento vivido*, o autor se reporta aos 133 dias de duração da Comuna como o início dos anos de “aprendizagem forçada”:

Os verdadeiros anos de aprendizagem forçada começaram com a ditadura e depois da sua queda quando uma parte dos comunistas se esforçou para conhecer e assimilar o marxismo no sentido comunista da palavra. (1999, p. 57)

Uma breve remissão à sua participação na formulação política e cultural da *Comuna Húngara* nos permite avaliar o significado desta “aprendizagem forçada”, em especial no âmbito do confronto com as políticas culturais do stalinismo e, mais tarde, no próprio projeto de renovação do marxismo na *Estética* e de *Para uma ontologia do ser social*.

Na *Comuna*, Lukács era dirigente do Partido Comunista Húngaro e foi vice-ministro da Educação Pública (vice-comissário do povo). À época defendia que a tarefa cultural que competia à *Comuna* era o “revolucionamento das almas” através de um programa que considerava “a política apenas um meio; o fim, a cultura” (*apud* NETTO, 1983, p. 32).

O programa cultural dos comunistas húngaros expresso em um documento do Ministério da Educação Pública intitulado *Tomada de posição*, fazia distinção apenas “entre boa e má literatura (...). Tudo o que tiver verdadeiro valor literário, venha de onde vier, encontrará apoio do Comissariado” (*apud* NETTO, 1983, p. 32). Ao valorizar a “tradição cultural”, o Ministério patrocinou a representação por grupos de trabalhadores de obras de Lessing, Ibsen, Bernard Shaw, Molière e, a exemplo de Gustave Courbet<sup>17</sup> na *Comuna de Paris* (1871), os museus foram franqueados ao povo. Courbet, para quem a arte “que faz avançar o mundo” não poderia ficar a reboque da revolução (CLAYSON, 2011, p. 37) fundou e dirigiu com outros artistas a Federação dos Artistas que defendia a total liberdade da arte em relação ao estado e o controle de sua produção pelos seus próprios artífices. As ações da República dos Conselhos mostram que muito provavelmente Lukács tinha conhecimento das políticas culturais e artísticas da *Comuna de Paris*.

Chamo a atenção para a presença, já por ocasião da *Comuna Húngara* de 1919, do tratamento dado por Lukács à “tradição cultural”, a “questão da herança”. Inspirada nos clássicos do marxismo (Marx e Engels) e atacada como vimos pelo *Proletkult*, a “questão da herança” cultural irá se constituir em um dos pilares do pensamento estético lukacsiano sobre o “modo artístico de

---

<sup>17</sup> Pintor e principal representante da escola realista francesa, Courbet, presidiu na Comuna de Paris a comissão de preservação do patrimônio cultural e reforma da Beaux-Arts (ROUGERIE, 2011, p. 33).

figurar o mundo” (Marx, Introdução de 1857), ao lado da liberdade e autonomia da arte e da recusa a todas as formas de sua instrumentalização.

No que diz respeito às relações da *Comuna Húngara* com a arte e os artistas, Lukács escreveu no *Jornal Vermelho*, em uma formulação muito próxima à defendida por Courbet, que “O comissariado não quer uma arte oficial nem muito menos a ditadura da arte do partido” (*apud* NETTO, 1983, p. 33). Se referindo à “experiência de poder” de Lukács do período da *Comuna*, Konder (1996, p. 28), mesmo considerando que nos textos dos anos trinta o autor “caminhava em carvões incandescentes” considera que a despeito de algumas “posições sectárias”, o Comissário do Povo adotou na direção da política cultural uma orientação inequivocamente “democrática e pluralista” e em nenhum momento, sua profunda e sincera preocupação com os autênticos valores da cultura lhe deixou margem para qualquer vacilação: a prioridade final da cultura repelia procedimentos voltados para *instrumentalizá-la* (KONDER, 1980, p. 38; grifos do autor).

Massacrada a *Comuna* pelo governo Horty, Lukács é condenado à morte. Escapa disfarçado de chofer para Viena onde é preso e tem sua deportação exigida. Com o argumento de que Lukács “como filósofo, é um dos grandes, que só aparecem uma vez em cada geração”, uma ampla mobilização de intelectuais europeus (Paul Ernest, Franz Ferdinand Baumgarten, Heinrich e Thomas Mann, Ernest Bloch, entre outros) impede que seja extraditado (KONDER, 1980, p. 42). Os números da contrarrevolução húngara impressionam: 5 mil execuções, 75 mil presos, 100 mil escaparam para o exílio, entre estes Lukács que permaneceu em Viena até o fim dos anos 1920.

A derrota da *Comuna* e os “anos de aprendizagem forçada” ocupam portanto um lugar de destaque nas entrevistas de *Pensamento vivido* e repercutiram, como estamos procurando mostrar, nos embates travados contra a *RAPP*, o *Proletkult* e as políticas culturais do stalinismo, em especial contra a regulamentação da ideologia a partir de “cima”. A passagem que reproduzimos a seguir é significativa para a caracterização das disputas durante o “tempo de catástrofes” e de “alargamento do conflito”. Nela Lukács se reporta aos textos em defesa do realismo que publicou na *Literaturnyj Kritik* e fala da importância da revista (anti-*Rapp*, antimodernista) para a transformação revolucionário-democrática da literatura russa entre 1934 até a sua interdição em 1940 por Stálin<sup>18</sup>:

Nós atacamos na revista a ortodoxia naturalista de Stálin. Não se pode esquecer que naquela época foi publicada a carta de Engels

---

<sup>18</sup> Os textos publicados na *Literaturnyj Kritik* foram editados pela Fondo de Cultura Económica (México, 1966) a partir da edição original *Probleme des Realismus* (LUKÁCS, 1955); parte deles foram selecionados e traduzidos por Carlos Nelson Coutinho (LUKÁCS, 1968). Uma nova edição com o mesmo título e também com seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho foi lançada pela Expressão Popular em 2010 com a inclusão do importante *Narrar ou descrever?*, de Lukács, escrito em 1936 durante a emigração.

sobre a questão Balzac, e, em contraste extremamente nítido com o stalinismo, colocamos o problema – sem que isso tivesse consequências sérias - de que a ideologia não é critério para avaliar a qualidade estética de uma obra e que pode existir uma boa literatura, apesar de uma ideologia detestável como o monarquismo de Balzac. Em seguida nós demos à essa ideia sua segunda forma: uma boa ideologia pode gerar uma má literatura. (1999, p. 102)

A expectativa de Lukács e do grupo de colaboradores da *Literatunyj Kritik* “de uma retomada, sem obstáculos burocráticos, da literatura socialista, da metodologia e da crítica literária marxista”, entretanto, logo se desfez após a dissolução da *RAPP* em 1932 (LUKÁCS, 1983, p. 90). Mais tarde ele e outros integrantes do grupo que se opunha aos adeptos da organização stalinista oficial dos escritores revolucionários da URSS compreenderam que todas estas tendências contrárias ao progresso do pensamento tinham sólido apoio burocrático e “que qualquer ideia que se distanciasse do modelo imposto, esbarrava numa surda e agressiva resistência” (LUKÁCS, 1983, p. 90).

Após o centenário da Revolução Russa, vale confrontar as políticas culturais do “tempo de catástrofes” com as experiências da *Comuna de Paris* e da *Comuna Húngara* enquanto referências fundantes contra todas as formas de cerceamento da expressão artística e de uma defesa enérgica da autonomia da arte em relação ao estado.

Por essa razão, a rememoração das experiências artísticas e culturais de ambas as Comunas permanecem como contribuições incontornáveis a um debate que no campo do marxismo é frequentado, via de regra, pelo desconhecimento ou por formas equívocas de apreciação da herança inspirada nos clássicos do marxismo sobre a liberdade, autonomia e independência da arte em relação ao estado.

Não são poucas as referências que tratam destas relações. A questão da herança cultural da humanidade na arte e literatura acima referida está, por exemplo, na admiração de Marx e Engels pelo legado da antiguidade clássica, do renascimento, do iluminismo, dos grandes escritores realistas na literatura do século XIX. Particularmente na referência de Engels ao “triunfo do realismo” e contra o que ele denominou de “literatura de tendência”, antecipando em décadas as críticas de Lukács à contrafação stalinista do “realismo socialista”. De igual modo na rejeição de Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo à ideia de uma “literatura e cultura proletárias” em favor de uma “cultura verdadeiramente humana” e de uma arte revolucionária independente<sup>19</sup>. Também neste mesmo sentido, na forma como Vítor Serge (1989, p. 97) denunciou os perigos do “utilitarismo literário” quando insistiu

---

<sup>19</sup> Sobre a posição de Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo contra a “cultura proletária” do stalinismo ver a apresentação de Isidoro Cruz Bernal a *Literatura y revolución* de Leon Trotsky (2004).

na distinção entre arte e política<sup>20</sup>. Distinção esta tanto mais importante, como lembrou Chasin (1989, p. 12) “quanto mais se adverte que já se trata de um escrito de resistência pró-revolucionária no interior mesmo da revolução” (CHASIN, 1989).

Não obstante a importância desta herança ainda persistem reedições contemporâneas de “lamentáveis erros anteriores” que nos fazem lembrar de perto o período dos “anos difíceis” e do “tempo de catástrofes”, como os da “época gris” das políticas culturais nos anos sessenta e setenta em Cuba<sup>21</sup>.

Assim sendo, cabe recordar desde os clássicos do marxismo as melhores tradições envolvidas nas relações entre emancipação humana, arte e revolução e lembrar que para os *communards* de 1871 e 1919, a arte e a revolução deveriam sim andar juntas, mas em total liberdade em relação ao estado.

Reivindicar, sim, a enorme herança da Revolução Russa de 1917, mas sem esquecer com Netto, que “nenhum pensador marxista pode elidir-se de um exame do stalinismo, um dos resultados do fracasso da Revolução no Ocidente” (1979, p. 17)<sup>22</sup>.

Para finalizar, lembro que em Lukács “a rememoração do passado sempre foi um veículo ideal da continuidade histórica” (1968, p. 4) mas, para tanto,

temos que tomar o passado em um sentido ontológico, não no sentido teórico-cognoscitivo. Se tomo o passado no sentido da teoria do conhecimento, o passado está passado. Do ponto de vista ontológico, o passado nem sempre é passado, mas exerce sua influência até o presente (LUKÁCS, 1971, p. 41).

Deste modo, o passado é de um lado passado e auto experimentação da humanidade; de outro nos proporciona um motivo para se adotar uma atitude determinada ante o presente. Este é o sentido ontológico da rememoração de Lukács do “tempo de catástrofes” para seu projeto de renascimento do marxismo. Na esfera estética, frente a todas as formas de fetichização e mistificação grosseira em nossos “tempos de catástrofes” cabe, ante o presente, esgrimir a herança e a incontornável atualidade do realismo verdadeiro.

---

<sup>20</sup> Para Serge, “Quando a luta tiver terminado, a divisão da sociedade em classes for abolida, não haverá mais proletariado. A nova cultura nascente será verdadeiramente humana. Só num sentido restrito, portanto, é que se pode falar de cultura e literatura proletárias” (1989, p. 97).

<sup>21</sup> Os “erros lamentáveis” e a “época gris” estão em *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução 1961-1975* de Silvia Miskulin (2009). Sobre a presença da “barbárie stalinista” no “trágico destino” da literatura cubana (Lezama Lima) e na revolução chinesa ver a apresentação de Bernal (TROTSKY, 2014, p. 13).

<sup>22</sup> No Prefácio de *Pensamento vivido* Eösi escreveu: “Só uma única vez no outono de 1968, não muito depois da marcha das tropas do Pacto de Varsóvia sobre Praga, ouvi de sua boca [de Lukács] a seguinte declaração: ‘Parece que todo o experimento iniciado em 1917 fracassou e tudo tem de ser começado outra vez em outro lugar.’” (1999, p. 13)



## Referências bibliográficas

- BERNAL, Isidoro Cruz. Presentación. In: TROTSKY, L. *Literatura y revolución*. Buenos Aires: Antídoto, 2004.
- CHASIN, J. Manifesto Editorial. In: SERGE, Victor. *Literatura e Revolução*. São Paulo: Ensaio, 1989.
- CLAYSON, H. La culture et La Commune. In : *La Commune de Paris en 1871*. Paris: Mairie de Paris, 2011.
- DUAYER, J. Lukács e a atualidade da defesa do realismo na estética marxista. In: MIRANDA, Flávio Ferreira de; MONFARDINI, Rodrigo Deelpupo (Orgs.). *Ontologia e estética* v. II. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. (Coleção Niep-Marx).
- KONDER, L. *Lukács*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- \_\_\_\_\_. Estética e política cultural. ANTUNES, Ricardo; RÊGO, Walquíria Leão (Orgs.). In: *Lukács, um Galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996.
- LUKÁCS, G. *Probleme des Realismus*. Berlim: Aufbau-Verlag, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Problemas del realismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.
- \_\_\_\_\_. Marx e o problema da decadência ideológica. In: *Marxismo e teoria da literatura*. Sel. e trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Realismo crítico hoje*. Trad. Ermínio Rodrigues. Brasília: Coordenada-Editora de Brasília Ltda., 1969.
- \_\_\_\_\_. *Conversaciones con Lukács* - Hans Heinz Holz, Leo Kofler, Wolfgang Abendroth. 2. ed. Madri: Alianza Editorial, 1971.
- \_\_\_\_\_. Meu caminho para Marx. *Nova Escrita Ensaio* n. 11/12. São Paulo: Escrita, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo*. Entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér. São Paulo/Viçosa: Estudos e Edições Ad Hominem/ Editora da Universidade Federal de Viçosa (UFV), 1999.
- \_\_\_\_\_. *Para uma ontologia do ser social* v. 2. Trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MACHADO, C. E. *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Sobre a literatura e a arte*. São Paulo: Global Editora, 1979.
- MISKULIN, S. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução: 1961-1975*. São Paulo: Alameda, 2009.
- NETTO, J. P. Lukács e a problemática cultural da era stalinista. *Revista Temas de Ciências Humanas*, n. 6. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_. *Georg Lukács, o guerreiro sem repouso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OLDRINI, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Orgs.). *Lukács e atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ROUGERIE, J. La ville en 1871 - Le Paris communard. In: *La Commune de Paris en 1871*. Paris: Mairie de Paris, 2011.

SERGE, Victor. *Literatura e revolução*. São Paulo: Editora Ensaio, 1989.

SZABÔ, Tibor. Le sujet et sa morale. Essais de philosophie morale et politique. *Cahiers du Centre Universitaire Francophone*, Hungria, n. 5, 2016.

TERTULIAN, Nicolas. *Georges Lukács, étapes de sa pensée esthétique*. Paris: Le Sycomore, 1980.

\_\_\_\_\_. *Lukács hoje*. São Paulo: Boitempo, 2002.

TROTSKY, Leon. *Literatura y revolución*. Escritos sobre arte y cultura, escritores y crítica literaria. Buenos Aires: Editorial Antídoto, 2004.

#### Como citar:

DUAYER, Juarez Torres. Lukács e a emigração na URSS (1933-45): realismo e sorte em tempos de catástrofes. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 26, n. 1, pp. 96-105, jan./jun. 2020.

Data do envio: 14 fev. 2020

Data do aceite: 8 maio 2020

